

Pelas lentes dos laboratórios clínicos

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia
(presidencia@cff.org.br).

Vista de longe, a cena pode parecer surreal: laboratórios de análises clínicas, colaboradores de primeira hora do SUS (Sistema Único de Saúde) ao qual prestam serviços como contratados ou credenciados, estão sendo arrastados ao abandono e à humilhação pelo Sistema que, desde 1994, mantém congelados os valores dos serviços oferecidos por essas empresas. Aviltados, mal valorizados e esgotados em sua capacidade de resistir a essa asfixia, muitos laboratórios estão sendo levados à força a tomar uma decisão que a consciência social dos farmacêuticos analistas clínicos não aceita: deixar de atender aos usuários do Sistema. Seria penoso demais para a população.

É tamanho o desequilíbrio no setor, que muitos laboratórios gastam muito mais para realizar um determinado exame do que recebem por ele. As grandes empresas tentam abrandar o problema, fazendo um grande número de exames para, assim, obter ganho de escala. Mas os pequenos laboratórios não tem fôlego para tanto, restando-lhes aguardar que o bom senso traga uma solução para a angustiante situação por que passam.

Laboratórios clínicos, aliados insubstituíveis do SUS, constituem um setor essencial desse emaranhado que é a saúde pública. E por que são fundamentais? Porque a medicina necessita dos exames laboratoriais para a confirmação dos diagnósticos. Sem eles, não se pode pensar nos acertos que fazem elevar a performance da moderna medicina.

São esses acertos obtidos nos diagnósticos de doenças respaldados pelos exames realizados por analistas clínicos que conferem segurança aos pacientes. Sem contar que os exames laboratoriais vem encurtando, cada vez mais, o tempo destinado ao tratamento das doenças. Significa dizer que as doenças com diagnósticos confirmados são tratadas, precocemente. E, em saúde, tempo é tudo.

Da verminose ao câncer, da anemia à Aids, nada escapa às lentes microscópicas e à interpretação competente dos nossos colegas farmacêuticos especia-

listas no setor que, diga-se de passagem, adquiriram um raro nível de excelência profissional. Esta qualificação vem de pós-graduações *estricto e lato sensu* e de outras várias formas de capacitação. Agregue-se à busca da excelência o investimento em tecnologia, em equipamentos etc. E tudo, é óbvio, com um único objetivo: servir bem aos pacientes do SUS.

Mas o setor laboratorial não recebe a devida valorização dos gestores do Sistema (o SUS é gerido, de forma tripartite, pelos Governos Federal, Estaduais e Municipais). Talvez, falte-lhes sensibilidade para perceber que a sufocação a que expõem os laboratórios, que a inanição provocada nesses parceiros do SUS pode levá-los à paralisação dos serviços, o que seria uma tragédia para a população.

O Conselho Federal de Farmácia e entidades do setor laboratorial e da saúde em geral vem buscando um diálogo com autoridades do Ministério da Saúde e com Deputados Federais e Senadores, por meio da Frente Parlamentar da Saúde (FPS), com vistas a se chegar a uma solução para as dificuldades que estranham o setor.

A FPS tem nos apoiado. Recentemente, num café da manhã, na Câmara, o Presidente da Frente, Deputado Darcísio Perondi (PMDB-RS), apelou ao Governo, pedindo a correção da tabela de preços do SUS para os laboratórios. Ele se comprometeu a manter acesa a discussão sobre o problema com interlocutores dentro do Governo.

No Legislativo, contamos, ainda, com o importantíssimo apoio de nossa colega farmacêutica, a Deputada Federal Alice Portugal (PCdoB-BA), integrante da FPS. No Senado, a também farmacêutica, Senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), é outra voz ativa em defesa dos laboratórios.

No café da manhã, uma voz ecoou unânime entre parlamentares e dirigentes de instituições farmacêuticas: "É preciso que se encontre uma solução, já, para a situação dos laboratórios".

O momento, agora, é de união de forças. Os parlamentares e as autorida-



Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF

“É tamanho o desequilíbrio no setor, que muitos laboratórios gastam muito mais para realizar um determinado exame do que recebem por ele”

(Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho
Federal de Farmácia).

des do Executivo já sabem das dificuldades dos laboratórios. Por sua vez, as entidades e os profissionais legalmente habilitados ao exercício das análises clínicas (farmacêuticos, médicos patologistas e biomédicos) e suas representações estão buscando um só caminho para seguir, na expectativa de que uma solução haverá de vir.

Os gastos com exames laboratoriais não pesam sequer 4% no orçamento do Ministério da Saúde. É tão pouco para o tamanho do que eles representam para a saúde. Os laboratórios gritam por socorro. Um socorro que, em verdade, é da população. As empresas querem apenas o que lhes é devido para continuar fazendo o seu belo trabalho de ajudar a salvar vidas.